



10º Congresso de Pós-Graduação

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS: REFLEXÕES PARA UM CURRÍCULO INTERDISCIPLINAR

Autor(es)

GILSON LUIZ RODRIGUES SOUZA

Co-Autor(es)

TIAGO MENDES DE OLIVEIRA

1. Introdução

Este trabalho pretende inter-relacionar a educação de jovens e adultos (EJA) à educação ambiental (EA) e demonstrar a importância, bem como as possibilidades de despertar neste público a consciência para a construção do saber, perpassando a educação ambiental. A metodologia utilizada foi bibliográfica e documental, valendo-se de livros e da legislação.

Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino da qual participam aqueles que não frequentaram a escola durante a infância ou adolescência. Cada um com sua particularidade já que os motivos pelos quais este grupo não alcançou sucesso nos estudos, muitas vezes são alheios à vontade, podendo ser relacionados como: difícil acesso à escola, ajudar os pais no trabalho braçal, falta de incentivo, falta de conscientização da importância dos estudos para a vida futura.

Dentro da Educação Ambiental nota-se que é importante uma reflexão em relação às práticas sociais, em uma contextualização marcada pela destruição proeminente dos ecossistemas e pela premente necessidade de mudança.

Para Jacobi (2003, p.189) “A reflexão sobre as práticas sociais, em um contexto marcado pela degradação permanente do meio ambiente e do seu ecossistema, envolve uma necessária articulação com a produção de sentidos sobre a educação ambiental. A dimensão ambiental configura-se crescentemente como uma questão que envolve um conjunto de atores do universo educativo, potencializando o engajamento dos diversos sistemas de conhecimento, a capacitação de profissionais e a comunidade universitária numa perspectiva interdisciplinar”.

De acordo com Reigota (apud Jacobi, 2003, p. 196), a educação ambiental aponta para propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação dos educandos.

O aspecto participativo torna-se de suma relevância quando se afere a necessidade imediata de ações globais com poder de, ainda que não eficaz, mas com conteúdo o mais próximo do preciso para consolidar um projeto com finalidade de levar às escolas um conteúdo mínimo que vá contemplar a necessidade humana em melhorar a qualidade de vida para todos.

Já para Pádua e Tabanez (apud Jacobi, 2003, p. 196) a educação ambiental propicia o aumento de conhecimentos, mudança de valores e aperfeiçoamento de habilidades, condições básicas para estimular maior integração e harmonia dos indivíduos com o meio ambiente.

A Lei nº 9.795/99 (BRASIL, 1999), institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências, explicita possibilidades em se trabalhar a educação ambiental, amparado por arcabouço legal, dentro de uma escolarização formal, portanto, também na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Em seu Artigo 9º diz, "Entende-se por educação ambiental na educação escolar a desenvolvidas no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas, englobando: (...) V - educação de jovens e adultos."

Pode-se, além do mencionado acima, tratar também das relações educacionais não-formais já que, dentro do mundo EJA, a proximidade da relação entre uma e outra modalidade é uma área peninsular, sobretudo, se tivermos maiores investimentos no processo de construção da educação de jovens e adultos partindo das premissas elaboradas por Paulo Freire (1997, 1974).

Para a educação aqui direcionada verifica-se que há um contentamento em trabalhar este tema, Educação Ambiental, juntamente com jovens e adultos, principalmente pelo fato dos mesmos, em regiões agrícolas, estarem mais próximos de ambientes nos quais venham a existir áreas de preservação ambiental, setores agropastoris, agricultura familiar, entre outras.

2. Objetivos

Demonstrar a possibilidade de coadunar EA (Educação Ambiental) e EJA (Educação de Jovens e Adultos), com a intencionalidade de apresentar a esta diversidade, dentro dos aspectos legais um currículo cheio de possibilidades transformadoras do cidadão jovem e adulto em sujeito capacitado para melhorar a relação com o meio ambiente.

3. Desenvolvimento

“A palavra Currículo virou moeda corrente”, conforme afirma Pedra (1997, p. 28), “aparece nos jornais, nos discursos políticos e nas conversas dos pais cujos filhos estão em idade escolar”.

Segundo Paulo Freire (1974, pp. 68-69), deve-se atentar para não construirmos um currículo direcionado para uma educação bancária que tem como características uma concepção depositária, onde poderíamos ilustrar alguns pontos deturpantes, que venham a degenerar a educação, como a situação do anti-diálogo: “O educador é o que educa. Os educandos, os que são educados. O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem. O educador é o que pensa; os educandos os pensados. (...) O educador, finalmente é o sujeito do processo; os educandos meros objetos.”

Importante no que diz respeito à questão da interdisciplinaridade é o fato que dentro do programa da EJA, e a possibilidade de trabalhar EA, pode remeter o professor a uma aplicabilidade de projetos envolvendo diversos campos do saber, o que provocaria uma melhor qualidade não só das aulas ministradas como também da construção no processo ensino aprendizagem.

De acordo com Nicolescu (1999, p. 10-11), “A disciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são as quatro flechas de um único e mesmo arco: o do conhecimento. (...) Interdisciplinaridade tem um objetivo diferente da multidisciplinaridade. Ela diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina à outra. Podemos distinguir três graus de interdisciplinaridade: a) um grau de aplicação. (...) b) um grau epistemológico. (...) c) um grau de geração de novas disciplinas. (...)”

Neste momento, verifica-se que o processo de construção interdisciplinar transgride as barreiras existentes entre disciplinas que ficavam isoladas, seja pelo desejo de cada um ou pela necessidade escolar, resgatando junto à educação básica uma performance enaltecida do coletivismo presente na postura renovada da pós-modernidade, se levarmos em consideração a divisão histórica.

Independente da nomenclatura e da metodologia utilizada na construção do conhecimento, pulula aos nossos olhos a sistematização do construir cognitivo, a medida que objetiva-se o saber, saber ser, saber viver, ser saber (DELORS, 1999, p. 89-102), em uma relação validada pelo foco que esta ação jamais poderá perder que será a construção do conhecimento.

De acordo com Ivani Fazenda (1994, p. 75), “Penso que é necessário tomarmos conhecimentos desses estudos antes de emprendermos o caminho da ação interdisciplinar, pois uma reflexão epistemológica cuidadosa possibilita consideráveis avanços, e tais avanços poderão permitir a visualização de projetos concretos de investigação que em parte possam corresponder ao novo paradigma emergente de conhecimento que está surgindo, embora precise ficar claro que em termos de conhecimento estamos ainda em fase de transição. Estamos bastante divididos entre um passado que negamos, um futuro que vislumbramos e um presente que está muito arraigado dentro de nós. “

Portanto como relata a autora, verifica-se então a necessidade da estruturação não só do currículo, mas também da finalidade deste currículo e metodologia que o mesmo será aplicado. Ainda mais, será preciso o conhecimento dentro do processamento interdisciplinar para que o projeto não se perca.

Dentro do processo interdisciplinar não há um ensinamento evasivo. O ato de ensinar está acompanhado do aprender, viver, vivenciar e exercer-se. A responsabilidade do indivíduo é o rótulo do projeto interdisciplinar, porém com envolvimento e responsabilidade coletiva nas instituições participantes.

No projeto interdisciplinar geralmente verifica-se inúmeras barreiras tais como questões materiais, institucionais e gnosiológicas. Porém estas barreiras podem ser transportadas pelo desejo de se construir, inovar e ir além dos limites que a educação nos impõe.

Não podemos, portanto deixar de lado o aspecto escolar, a instituição, a estrutura predial e muito menos a presença dos profissionais que neste contexto estarão envolvidos. A escola é, portanto uma dos mais precisos meios veiculares de comunicação envolvidos na educação. E melhor ainda dizendo, dentro do processo da EJA, torna-se com certeza, um precioso aliado. É o genitor de um ser que se forma para exercer sua cidadania, o ser cidadão, aquele que desprendido da insignificância que às vezes se encontra, enquanto sentimento, possa sentir o desejo e a necessidade de contribuir cada vez mais para a reelaboração e condução da história tanto do grupo social que está inserido quanto de si mesmo.

Não deixa de ser a Educação Informal subsidiando a Educação Formal. O que temos em comum nesta situação é a possibilidade de construirmos uma educação ambiental, nos modelos propostos dentro da concepção de Educação de Jovens e Adultos, respeitando os

currículos e as modalidades, porém levando em consideração às práticas inovadoras, inclusive com modalidades interdisciplinares. O Século XXI, principalmente, está sedento em compartilhar a Educação Ambiental com os alunos da EJA, criando se assim mais uma possibilidade, um canal, para servir de apoio na conscientização de que, estudar, tomar conhecimento, ter ciência a respeito do meio ambiente, é muito mais do que simplesmente fazer uma análise an *pasan*. É integrar um grupo que até meados do Séc. XVI não possuía a mínima estrutura ou desejo do poder em trabalhar nem com EJA muito menos com Educação Ambiental. Porém que hoje, alguns séculos depois, se preocupa em constituir e até mesmo construir espaços para, tanto incluir os jovens e adultos que outrora eram rejeitados como, além disso, inserir no mundo dos mesmos a possibilidade de construir uma consciência e maturidade da importância, inclusive de forma multi, trans ou interdisciplinar, para um futuro com um impacto menos pernicioso para a sociedade como um todo. O bem estar coletivo deve ser respeitado, mas para isto temos que ter agentes preparados para, no mínimo, construir a teoria através do aprendizado. E é neste foco que deve se manter uma das vertentes da Educação Ambiental.

4. Resultado e Discussão

Trabalhar com Meio Ambiente é algo mais do que somente falar de natureza. É superior, quando projetamos a instrução do ser cidadão e para uma formação consciente em aspectos relevantes em relação ao compromisso socioambiental a ser construído. Vai além dos procedimentos usuais relativos à preservação natural. Estão presentes inclusive nos hábitos de higiene que devem ser inseridos no processo da construção cognitiva na EJA.

A maior tarefa da escola é proporcionar um ambiente escolar salutar, coeso, capacitado no que diz respeito à formação de uma identidade cidadã. É deixar explícito ao aluno que sua responsabilidade com o meio ambiente está interligada a mútua relação entre estudante e ambiente escolar.

É importante que as escolas também possam garantir a prática e a capacidade de atuação dos alunos.

O fornecimento das informações, a explicitação e discussão das regras e normas da escola, a promoção de atividades que possibilitem uma participação concreta dos alunos, desde a definição do objetivo, dos caminhos a seguir para atingi-los, da opção pelos materiais didáticos a serem usados, dentro das possibilidades da escola, são condições para a construção de um ambiente democrático e para o desenvolvimento da capacidade de intervenção na realidade.

Para que a junção, a harmonia, a possibilidade possa ser presente no contexto da EJA, associando-se à EA, se faz necessário dois fatores primordiais: a questão do currículo e um ambiente interdisciplinar apropriado para a execução deste projeto, com o máximo de possibilidades de sucesso.

5. Considerações Finais

Para que se aplique a EA na EJA é importante levar em consideração alguns aspectos a serem ressaltados. É possível afirmar que 3 diferentes maneiras de representar a relação ensino/aprendizagem escolar. São modelos pedagógicos, mas que não dão como encerradas as possibilidades de se construir um processo educacional.

No momento em que professor e aluno entram em sala de aula sem a soberba e diletantismo, deixam à mostra a permuta de conhecimento onde o professor e o aluno tornam-se aprendizes, tendem a levar a melhor qualidade do processo de construção cognitiva.

Dentro da EA é importante que o profissional, educador, explore o material escolhido, que tenha sido inserido no âmbito do trabalho, explorando sistematicamente diferentes aspectos problemáticos ligados aos procedimentos relativos ao meio ambiente.

A utilização de técnicas cartunistas, teatralizações e discussões sobre assuntos pertinentes à educação ambiental, sobre a preservação do ambiente em que nos encontramos, com relevância a melhoria da qualidade de vida, devem ser um dos pontos mais importantes a serem disseminados.

É imprescindível que o aluno aprenda e construa algum conhecimento novo, contextualizando e problematizando a sua ação.

São parcerias possíveis que sobrevivem dentro de uma educação formal e por que não citar a educação informal também, em que os dados levantados e a partir deles construídos de um conhecimento, nos revelam, através de percepções extras, um conhecimento rico e que pode ser direcionado para o universo da educação ambiental.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei 9.795/1999. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm. Acesso em 28 de outubro de 2011.

DELORS, Jacques. Os Quatro Pilares da Educação. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors. In: Educação: Um Tesouro a Descobrir. São Paulo: UNESCO/MEC/Cortez, 1999). P.

89-102.

FAZENDA, Ivani Catarina (org.) Práticas Interdisciplinares na Escola. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

JACOBI, P et al (orgs.). Educação, Meio Ambiente e Cidadania: Reflexões e Experiências. São Paulo: SMA, 1998.

JACOBI, P. Educação Ambiental, Cidadania E Sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março 2003, p. 189-206. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>. Acessado em: 12 de junho de 2012.

NICOLESCU, Basarab. Um Novo Tipo de Conhecimento: Transdisciplinaridade. In: 1º Encontro Catalisador do Centro de Educação Transdisciplinar - Escola do Futuro – Universidade de São Paulo, Itatiba, São Paulo - Brasil: abril de 1999. In: MELLO, Maria; BARROS, Vitória e SOMMERMANN, Américo (orgs.). Educação e Transdisciplinaridade I. Brasília: UNESCO/São Paulo: Triom, 2000.

PÁDUA, S.; TABANEZ, M. (orgs.). Educação Ambiental: Caminhos Trilhados no Brasil. São Paulo: Ipê, 1998

PEDRA, J. A. Currículo, Conhecimento e suas Representações. Campinas: Papyrus, 1997.

REIGOTA, M. Desafios à Educação Ambiental Escolar. In: JACOBI, P. et al. (orgs.). Educação, Meio Ambiente e Cidadania: reflexões e Experiências. São Paulo: SMA, 1998. p. 43-50.

ROCHA, Aline Fialho da et al. As Práticas Educativas na Educação de Jovens e Adultos. Petrópolis, 2002.